

A person is holding a clutch bag with a purple body and gold-colored leather trim and flap. The bag has a textured, cracked leather finish. A small, rectangular, gold-colored leather patch with the word 'EFFATA' embossed in a stylized font is located on the purple part of the bag. The person is wearing a dark blue, ribbed top and dark blue pants. The background is a plain, light-colored wall.

EFFATA

Setembro - 2026



Que os seus sonhos nunca fiquem esquecidos na gaveta,
pois você é capaz de muito mais do que imagina.

SUMÁRIO

CARTA DA DIRETORA	5
PRIMEIRAS MULHERES ESTILISTAS NO BRASIL	6
ENTREVISTA ADÉ AFRO	10
ESTILISTAS NEGRAS E SEU PIONEIRISMO NO BRASIL	12
EDITORIAL: MULHER EFFATA	15

CARTA DA DIRETORA

Ser mulher não tem sido fácil, desde que o mundo é mundo, e agora, mesmo depois de termos passado por tantas coisas, conquistado direitos pelos quais lutamos por décadas e acreditado, em partes, que a sociedade poderia progredir, estamos regredindo.

Mundialmente falando, diversos direitos femininos estão se esvaindo como areia em nossos dedos todos os dias. São inúmeras as notícias a cada nova manhã sobre o que temos perdido. No Brasil, até mulheres com certa “influência” tem feito vídeos e falado abertamente sobre como é errado dar às mulheres direito ao voto. O pensamento que me cerca é: O que está acontecendo com esse planeta?

Diante de tudo isso, essa edição da Revista Effata vem exaltar as mulheres, com foco nas mulheres negras desse meu Brasil. Aqui, nas páginas a seguir, você poderá ler sobre primeiras mulheres na moda Brasileira, mulheres negras que se destacam como estilistas desde que essa nomenclatura pôde ser alcunhada à nós, entrevista com Jaqueline da Adé Moda Afro e um editorial maravilhoso com o dia da mulher Effata.

Meus desejos são que você aprecie esta edição e que de alguma maneira ela te inspire, assim como me deixou inspirada.

Yasmin Oliveira

PRIMEIRAS MULHERES ESTILISTAS NO BRASIL

Quando se está no campo acadêmico, as informações sobre moda acabam por se resumir a Europa , falamos muito sobre Nova Iorque também, mas já que estamos no Brasil, por qual motivo não tratamos de estilistas Brasileiros? Esse deficit existe e nos faz crer que a moda brasileira não tem nenhuma importância ou impacto, o que não é verdade.

Você já parou para se perguntar sobre quem foram os estilistas pioneiros na moda brasileira? Por aqui nos fizemos essa pergunta e vamos respondê-la para você também.

Em sua tese, o pesquisador Luis André do Prado nos conta que no Brasil do começo do século 20 a moda vinha importada diretamente da Europa pelas pessoas mais ricas (não significava que compravam as roupas prontas, mas principalmente a “ideia” da roupa, podendo ser costuradas aqui no Brasil por costureiras locais através de imagens ou modelos prontos), mas que as mulheres, mesmo as com mais dinheiro, tinham certa obrigação de saber o básico de costura e bordados, fazendo não somente para si, como também para os filhos.

No começo de 1920 as roupas eram vendidas prontas em lojas, mas eram caras e conseqüentemente nem todas as mulheres podiam comprar, o que fazia com que as que tinham poucos recursos financeiros, mas muito desejo de se vestir como as européias e as mulheres mais abastadas aqui no Brasil, copiassem com bastante cuidado para não serem descobertas, as roupas que se vendiam nas lojas.

As revistas, parecidas com a que você está lendo agora, já falavam sobre moda e vestuário para o público feminino, indicando inclusive, o que vestir e como fazer seus cabelos. Mas a moda Brasileira não existia, pois nada se criava, apenas era copiado por aqui.

Os primeiros costureiros a desenhar seus próprios modelos aqui no Brasil tinham referências claras da moda parisiense, mas já se iniciava um movimento de moda “autoral” brasileira com nomes como José Ronaldo, Dener Pamplona e Clodovil Hernandez na década de 1950. Até então, eram apenas homens criando moda para mulheres, as quais não tinham muito as rédeas nem daquilo que vestiam.

Aqui vale ressaltar que as criações feitas pelos costureiros eram apenas para mulheres ricas, já que a moda em si é elitista e os criadores da época, ao lançarem seus ateliês na década de 1960, faziam questão de cobrar um valor semelhante ao das roupas francesas importadas para cá.

Muitas coisas aconteceram no Brasil entre as décadas de 50 e 60 no âmbito da moda. Foram criados diversos eventos, movimentos e associações pelos costureiros que tiveram muito impacto na sociedade e no vestuário.

E até aqui você se questiona: cadê as mulheres criadoras? Pois bem, as mulheres com relevância na moda Brasileira surgiram na década de 1970 com um movimento de novos estilistas que trabalhavam em grupos e realizavam desfiles em conjunto com o intuito de se fortalecer e crescer no mercado.

Os primeiros nomes que podemos ter acesso são da Estilista Marília Valls, que criou a marca Blu-Blu no Rio de Janeiro, fazendo roupas para mulheres descoladas em Ipanema. A sua marca promovia desfiles pelas ruas de Ipanema com as maiores modelos da época e encantava pelas suas camisas e blusas que chamavam muito a atenção das mulheres cariocas. Vinha de uma família onde sua mãe era costureira e repetiu os passos ao se separar e desejar não trabalhar fora para estar com suas duas filhas.



Fotos: Reprodução/Google



Outra da mesma época foi Sônia Mureb da La Bagagerie, que começou a criar suas próprias roupas aos 18 anos na década de 1960 para ir às festas. As amigas começaram a encomendar também as roupas que fazia e assim o negócio se iniciou. Anos mais tarde, ao se casar, seu marido propôs fazerem também bolsas, e compraram um martelo e um pedaço de couro para fazerem carteiras à mão que foram um sucesso. Em entrevista, Sônia diz que o nome da marca veio algum tempo depois quando decidiram se formalizar, após voltar da Europa e achar o nome bonito. “La Bagagerie” pode significar guarda-volumes ou depósito de bagagens, em Francês. Na mesma entrevista, Mureb define sua roupa como “normal”, feita para mulheres articuladas e ativas 24 horas por dia, com inspiração em atrizes como Greta Garbo. Abriu mais de 12 lojas entre Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, mas fechou sua última loja em 2006.



Fotos: Reprodução/Google



Tivemos também a Teresa Gureghian, que fundou a Gureg sapatos e acessórios. Foi uma das líderes do movimento Moda Rio e inovou sendo a primeira estilista a assinar sapatos com o seu próprio nome. Seus sapatos eram objeto de desejo em 1980 e conhecidos por serem luxuosos e confortáveis.

E Beth Brício, criadora da marca Persona no Rio de Janeiro. Depois de já ter começado sua trajetória na moda brasileira decidiu fazer faculdade de moda na UVA - Instituto Zuzu Angel, trabalhou em 5 novelas da Globo e outros programas. Fez parte também do grupo Moda Rio.

Essas são algumas das mulheres pioneiras da moda Brasileira, que de alguma maneira influenciaram a indústria como ela é hoje e deixaram marcas no que podemos dizer que é atualmente o estilo Brasileiro.

As mulheres sempre estiveram presentes contribuindo em situações históricas, mesmo que não se fale muito sobre, ou se estude tanto na academia, o impacto causado por essas pessoas reverbera até a atualidade.



Beth Brício



Teresa Gureghian

Fotos: Reprodução/Google

ENTREVISTA ADÉ MODA AFRO

No interior da Bahia é possível encontrar muitas preciosidades, muita gente bacana fazendo e vivendo de moda. Nós conversamos com Jaqueline, idealizadora da Adé Moda Afro, uma marca centrada em moda afro-brasileira, com muita estamparia e atitude.

Jaqueline nos contou um pouco sobre a marca e o seu início na jornada empreendedora, confira abaixo:

Como você começou a marca? Quais as suas motivações?

Comecei a minha marca em 2020, na época estávamos ainda na pandemia. Eu queria empreender, porque pela primeira vez tinha uma renda estável e podia planejar isso. Então comecei com turbantes. Minha maior motivação foi mostrar pra mim mesma que era capaz, que conseguia. E foi mágico.

Que bacana! E o que foi mais desafiador no começo da jornada?

O mais desafiador no início, foi aprender a lidar com redes sociais e criar conexão genuína com público alvo. Eu tinha muita insegurança em gravar vídeos, mostra meu produto etc. E também ser autônoma exige que você saiba fazer de tudo um pouquinho. Então foi bem desafiador.

Qual a sua inspiração para o nome da marca?

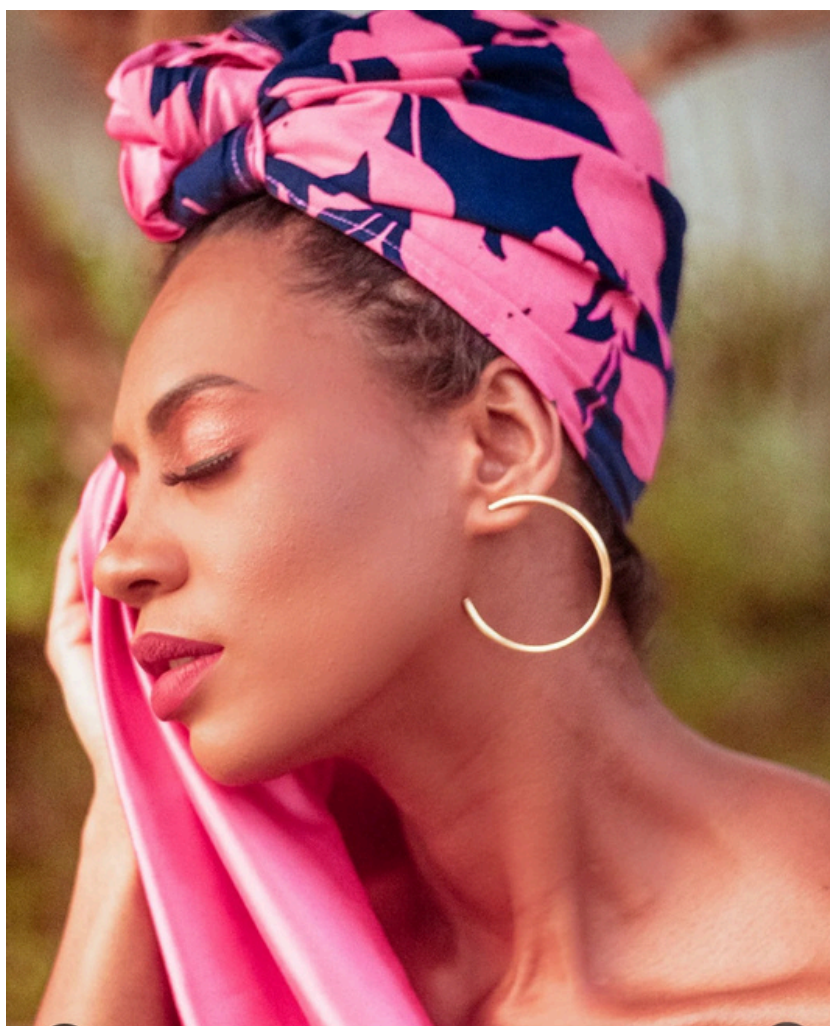
Ade quer dizer coroa na língua Yoruba, foi sugestão de um amigo que também é designer da logo. Eu achei genial porque tem tudo a ver, pois o turbante é nossa coroa!

Não sabia disso. Muito interessante a ligação entre o nome e os turbantes. O que você imagina e deseja para o futuro da Adé?

Para o futuro da Ade, estou me preparando. Estou fazendo o que precisava ser feito. Sempre terceirizei a costura e agora finalmente tenho disponibilidade de aprender costurar de fato! E quero desenvolver as peças que tem na minha cabeça.

Soube que está produzindo uma nova coleção. Pode nos contar algo sobre ela? O que esperar dessa nova coleção?

A nova coleção terá um pouco de tudo! Reaproveitamento de peças, patchwork, looks clássicos e afro futuristas. Por enquanto é o que posso dizer.



As vezes só é preciso uma pequena oportunidade para tirar os sonhos do campo das ideias. Para Jaqueline, essa oportunidade era se sentir estável para dar vida àquilo que já imaginava e desejava a muito tempo.

A Adé tem ainda muito espaço para conquistar e novos formatos para conhecer, agora que a Jaqueline está aprendendo a arte da costura. Estamos ansiosos para ver o que vem pela frente e acompanhar tudo de perto.



Fotos: Reprodução/Instagram

ESTILISTAS NEGRAS E SEU PIONEIRISMO NO BRASIL

Acredito que você chegou até aqui depois de ler as páginas anteriores. Nesse caso, pôde ver que nós falamos sobre mulheres pioneiras na moda Brasileira, mas... E sobre as mulheres negras?

Se ao falarmos de moda no Brasil, vimos que as pesquisas e a academia não tratam como objeto de estudo e nem dão o devido valor ao tema, imagine quando falamos de pessoas negras e sua inserção na indústria. Existe certa dificuldade em encontrar registros, em achar artigos que tragam de forma mais profunda a contribuição de mulheres negras para a moda Brasileira.

Dito isso, podemos dizer que uma pioneira na moda Afro-brasileira é a estilista Goya Lopes que está no mercado há cerca de 40 anos. É baiana e artista plástica de formação, e conta em seu artigo biográfico, que aos 7 anos de idade foi morar na França, pois seu pai foi se especializar por lá e levou toda a família. Ela estudava em uma escola próxima a Paris e diz que sua professora chamou seus pais para dizer que ela tinha um jeito diferente de desenhar, diferente das outras crianças, e que era importante incentivar o seu lado artístico.

Assim ela estudou pintura e depois ingressou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia e estudou em paralelo artes plásticas pois se interessava muito por história da arte. Foi para a Itália fazer especialização em Design e ao voltar fez diversos cursos de empreendedorismo.

Já aqui no Brasil em 1980, o plano de Goya era desenvolver estamparia étnica. “Sonhava com uma marca que desenvolvesse a temática de matriz africana, mostrando a sua diáspora no Brasil, sua simplificação dos motivos naturais, e a sua essência que tanto mexe com o mundo” (LOPES, Goya, 2016).

Trabalhou desenvolvendo estampas para diferentes marcas como Aziz Nader e Alpargatas. Voltando a Salvador em 1986, fundou a Didara, que significa “o que é bom” em Iorubá e nela criou estampas voltadas para moda e decoração. Criou também a Goya Lopes Design Brasileiro, uma nova marca depois de 30 anos de experiências.

Em todo esse período, já vestiu artistas como Moraes Moreira e Jimmy Cliff e segue ativa contando histórias através da moda.



Fotos: Reprodução/Google



Aqui podemos falar também sobre Angela Brito, que foi a primeira mulher negra a participar do SPFW em 2019. Observamos que esse evento existe desde 2001 com esse nome e apenas em 2019 tivemos uma mulher negra desfilando sua coleção nele. Nós podemos concluir que o cenário da moda Brasileira não tem muitos espaços para representatividade de pessoas não-brancas.

Mas falando de Angela, ela veio de Cabo Verde para morar no Rio de Janeiro e a sua marca existe desde 2014 e nela expressa a sua liberdade criativa. Se inspira nas suas vivências em seu país natal e traz referências muito tradicionais Cabo-verdianas para as suas peças.



Fotos: Reprodução/Google



E por fim, não posso me esquecer de falar sobre Jal Vieira, estilista que foi a primeira negra brasileira a lançar uma colaboração com a Marvel em 2021.

Ela é um dos nomes mais relevantes atualmente na moda brasileira e começou cedo, assim como eu que te escrevo, a se interessar por moda, através de desfiles e programas na TV. E, assim como eu também, conquistou uma vaga no PROUNI para cursar Design de Moda (ela fez Belas Artes em São Paulo) e lançou a Jal Vieira Brand em 2011.

Fez pós graduação no Senac, especialização em produção áudio visual e estreou sua marca nas passarelas da Casa de Criadores, um evento que lança novos designers. Depois de tudo isso, foi notada pela Marvel e desenvolveu uma coleção inspirada nas mulheres de Wakanda do filme Pantera Negra.



Fotos: Reprodução/Google



Podemos dizer que as mulheres negras fazem muito pela moda e que seu trabalho ecoa em outros criadores e outros países, como vimos aqui. O objetivo desse artigo, e dessa edição da revista, é te mostrar que existem outras referências para além das que nos mostram sempre e que as mulheres tem papéis de muita importância dentro dessa indústria e galgando espaços e abrindo caminhos para que outras também cheguem.

MULHER EFFATA







DIREÇÃO: YASMIN OLIVEIRA

EDIÇÃO: YASMIN OLIVEIRA

FOTOGRAFIA: YASMIN OLIVEIRA

REDAÇÃO: YASMIN OLIVEIRA

EFFATA



